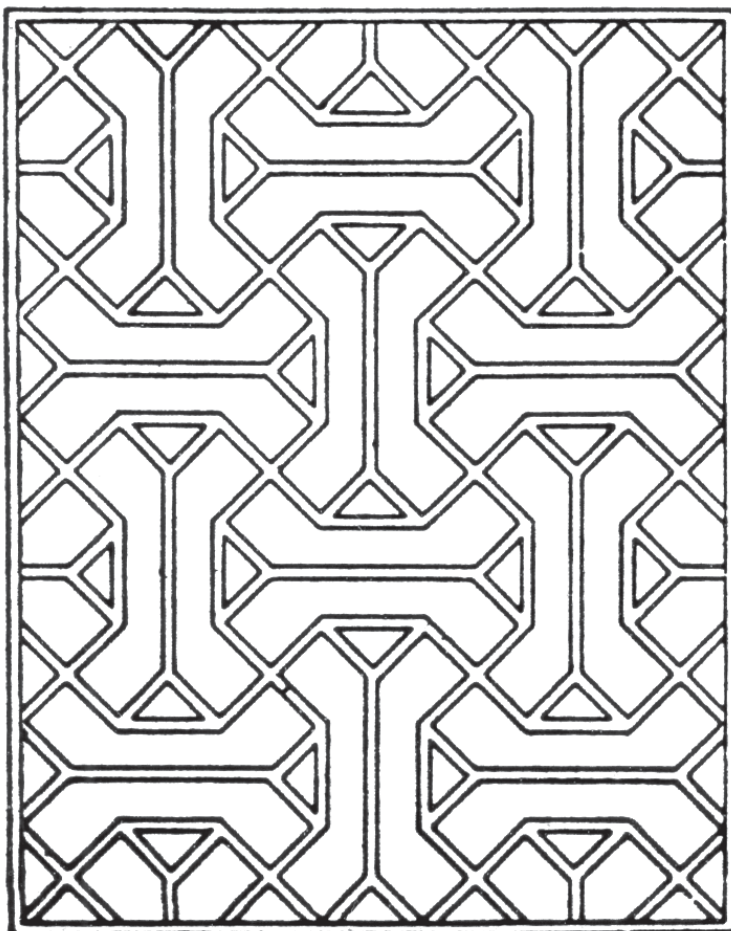


Este estudo escolheu o pensamento pedagógico de Wolfgang Ratke, representante do pensamento burguês do início do século XVII, para aprofundar alguns aspectos educacionais da escola pública religiosa. Ratke, em seus escritos, criou formas e práticas de ensino que perpassaram os séculos seguintes, evidentemente adaptadas às novas formações sociais, e que, em sua raiz, são reorganizadas pelas políticas neoliberais. A problemática deste estudo trata a dimensão pedagógica de Ratke à luz da natureza e da revelação e a dimensão revolucionária da “arte de ensinar” aliada à dimensão conservadora dos conteúdos programados para o ensino.

Palavras-chave: Função da educação escolar; Trabalho docente; História da atividade didática; educação moderna.

The object elected for this study is the pedagogical thought of Wolfgang Ratke, a representative of bourgeois thinking at the start of the XVII century, in an attempt to deepen some educational aspects of religious public schooling. In his writings, Ratke created forms and practices of teaching that demurred in the following centuries, evidently adapted to the new social formations and which, at heart, are being reorganized by neoliberal policies. The problematic of his study deals with the Ratke's pedagogical dimension in the light of nature and revelation and the revolutionary dimension of the “art of teaching” allied with the conservative dimension of the programmatic contents for teaching.

Keywords: The function of school education; Teacher labour; History of didactical activity; Modern education.



Escola Pública Religiosa: Ratke

Sandino Hoff :

Professor da UFMS. :

Introdução

Clarear as idéias e práticas educacionais de Wolfgang Ratke (Wolfgangus Ratichius), século XVII, através dos holofotes da atualidade, tem algum significado? Que características educacionais ou formas escolares, criadas pelo pedagogo alemão, sobreviveram através dos séculos ou foram recriadas em tempos neoliberais?

A resposta à primeira indagação é afirmativa à medida que a segunda tiver consistência. Esta se evidencia quando se contata que Ratke criou específicos aspectos educacionais que são retomados atualmente. Fundado em Descartes e nos empiristas ingleses, introduziu nas escolas alemãs o método intuitivo e ao mesmo tempo o que se denominaria séculos após de “ensino mútuo”. No Brasil, o método intuitivo foi reorganizado em fins do século passado em substituição ao ensino mútuo. Ratke e Comênio inauguraram uma prática educacional inovadora à base das técnicas, como afirma ALVES, utilizadas no trabalho manufatureiro que persiste até hoje nas nossas escolas. (ALVES, 1999, p. 57-74). O significado cresce à medida que o método de ensino de Ratke pretendeu estender-se a toda a Reforma com a mesma universalidade da Ratio Studiorum da Contra-Reforma e à medida que - lá como cá - as formas educacionais e a utilidade prática da educação dominaram o pensamento escolar.

Importa acrescentar que não se trata de presentismo. Trata-se, sim, de verificar o que de passado está presente no presente.

Em síntese, nosso estudo tem por objeto o pensamento pedagógico de Ratke como representante do pensamento bur-

Quanto à primeira dimensão trata-se de expor a "arte de ensinar" ou o "Método", em harmonia com a natureza não-transformada.

guês do início do século XVII, sustentando a tese de que o pedagogo alemão produziu temas e práticas educacionais como conquistas definitivas, sempre recriadas e adaptadas às novas situações históricas que os acolhem, como: educação para todos, ensino público, obrigatório e gratuito, administração estatal das escolas, participação intensa da sociedade na educação escolar, economia de tempo e de recursos na aprendizagem, utilização de manuais didáticos na arte de ensinar, distribuição grátis de livros escolares e o lado prático da educação escolar.

Posto o objetivo geral de meus estudos, vou ao tema específico deste artigo.

O objetivo deste estudo é discutir duas dimensões gerais das obras do pedagogo alemão: o ensino à luz da natureza e da revelação e a utilização de um método racional aplicado a um conteúdo conservador. Quanto à primeira dimensão trata-se de expor a "arte de ensinar" ou o "Método", em harmonia com a nature-

za não-transformada; a segunda dimensão refere-se à exposição de uma forma de ensino baseada na racionalidade ao mesmo tempo em que apresenta um conteúdo conservador, posto que útil àquela sociedade, ou melhor, exatamente porque útil à comunidade luterana da época.

Ao expor a pedagogia de Ratke, constantemente fazem-se referências a Comênio pois há grande semelhança nas obras dos dois pedagogos. A diferen-

ça de idade entre Ratke e Comênio e, também, entre as obras publicadas por eles, é de duas décadas, sendo que Ratke¹ nasceu antes. Os pesquisadores europeus postularam uma unidade muito forte entre os dois. Assim, ocorre com o Instituto de Pedagogia da Universidade de Bochum-Ruhr que possui um Departamento Comeniano de Pesquisa que, também, estuda e publica as suas obras. Recentemente, publicou "O Manual Escolar de Ratke no Ensino para Todos" (Enciclopédia).

A fim de se conseguir bons resultados, busca-se o lugar de nascimento dessas idéias pedagógicas e a mediação destas com a totalidade do ser da sociedade manufatureira.

O Ensino à Luz da Natureza e da Revelação

Para situar a questão da supremacia do método sobre o conteúdo nas propos-

¹ Alguns títulos dos 28 livros escritos por Ratke indicam a semelhança deles com as obras de Comênio: *A Arte da Linguagem. A Gramática Universal para a Didática. Um Exercício Prático da língua grega. Regulamentação do horário escolar para a aplicação da nova arte de ensinar. Dois Novos Regulamentos Escolares. Compêndio da Gramática Latina de acordo com a Arte de Ensinar. Pequeno Manual de Leitura para Alunos Novos. Ordenamento de Ensino de Köthen para o novo Método de Ensinar. A Introdução Geral à Didática ou A Arte de Ensinar. Tratado de Administração Escolar. Registro de Todos os Ensinaamentos. Introdução à Arte de Ensinar. Breve Relato sobre a Grande Utilidade da Arte de Ensinar. Queixa - admo estação - de Ratke a todos os soberanos e autoridades da Nação Alemã. Breve Relato sobre o Ensino da Pontuação com seus Sinais. Alguns Pontos sobre os quais repousa a Didática ou a Arte de Ensinar. O Ensino da escritura das escolas cristãs. O Ensino do emprego das palavras. O Ensino da Semântica nas escolas cristãs. A Função do soberano nas escolas cristãs. Manuais das escolas cristãs*

tas e práticas educacionais dos pedagogos Ratke e Comênio, há que se desenvolver, neste primeiro item, a problemática colocada nos séculos XVI e XVII: a concepção sobre a ciência, a fé e a natureza. Um pressuposto se coloca: à medida que o direito natural burguês, no século XVII, começava a eliminar sua fundamentação transcendente, buscando sua completa emancipação, a escola pública religiosa retomava a concepção de uma harmonia entre a “luz natural” e a “luz da revelação”.

A concepção burguesa de direito natural emancipava-se de Deus mas não conseguia superar o pensamento especulativo, a despeito de seus pensadores posicionarem-se contra a metafísica. O pensamento burguês apresenta o direito natural como uma explicação causal de momentos históricos e as relações de toda a sociedade passam a ser entendidas a partir do direito natural. A incapacidade da burguesia em construir naquele momento uma lei do movimento da história que fosse suficientemente ampla e funcionasse satisfatoriamente, tinha a ver com as condições objetivas da produção material da vida. Na ausência de uma lei suficientemente universal a apreender o movimento da história, a explicação religiosa, ampla e especulativa, retomava força e sustentava-se na consciência social. Isso explica porque a ordem natural e a revelação se harmonizavam na escola pública religiosa do Seiscentos.

Em seu livro “O Ensino Moral na Escola Cristã”, Ratke define: “*Por moral entende-se uma inteligência, captada na prática ética, que se encaminha para a aquisição de um bem maior*” (RATKE, 1994, p. 22). Funda a moralidade nas Escrituras e na Natureza: “*Conforme Romanos V, 15, os homens, trazendo inscritos em seus corações uma diferenciação entre o bem e o mal (...) aprenderam a seguir o bem*

e a evitar o mal” (Id., p. 23). Acrescenta a seguir: já à época de Alexandre Magno, de Sócrates e de Aristóteles, esta lei está em todos os homens; Moisés já a havia implantado na sua doutrina. Ratke define a virtude como “*uma capacidade da mente pela qual o homem inclina-se para levar uma vida digna, honrar a Deus e ao próximo*”. (Id., p. 30). A virtude provém da Natureza, mas é completada por Deus. Dessa forma, a ordem da natureza tem em comum a ordem da lei divina que a complementa.

Para Ratke, de 1612 (“Memorial de Frankfurt”) até 1635 (ano de sua morte), a natureza e a fé se harmonizavam, sendo esta uma ampliação do conteúdo naquela. A harmonia entre a crença e a natureza traz uniformidade a todas as coisas. A sua “Arte de Ensinar” baseou-se nessa uniformidade da ordem natural quando enuncia que o ensino começa com a exposição do geral e se completa com a observação das coisas naturais.

A harmonia exige que o ensino vá do geral para o particular, do conhecido para o desconhecido, do confuso e do vago para o conhecimento distinto, do exercício mais fácil e mais útil para o mais difícil e menos necessário. Esta é a ordem das coisas. Reconhece-se aqui a influência de Descartes.

A luz da natureza é uma intuição que permite julgar e captar o que é preciso

*A harmonia exige que o ensino vá do geral para o particular, do conhecido para o desconhecido, do confuso e do vago para o conhecimento distinto...
Esta é a ordem das coisas.*

saber para o bem temporal. Denomina-se assim porque qualquer pessoa, mesmo não pertencendo a nenhuma fé cristã, a descobre e a comprova; e, por meio dela, o homem é capaz de realizar o conhecimento natural de tudo o que é necessário a esta vida. Através dela, adquire-se a harmonia, as maneiras

cortesias e a ordem (Id., Livro 2, capítulo 9).

A concepção harmônica encontra-se em Vives e em Alstedt, amigo de Ratke e de Comênio, que ensinaram a harmonia do cosmo (V. RIOUX, p. 240 e HOFMAN, 1974, p. 54). Em “O Registro de Todos os Ensinamentos”, Ratke escreve: *“Todos os ensinamentos são tirados da Sagrada Escritura, da Natureza e das Línguas”* (RATKE, *op. cit.*, p. 36). Combinando a luz da revelação com a luz natural, o ensino leva mais facilmente à salvação.

Antecipa-se, de forma bem sucinta, o que será tratado no item seguinte: o conteúdo de ensino era, para Ratke e Comênio, extremamente conservador visto que o conteúdo religioso era predominante, não havendo necessidade de ser renovado. O que necessitava de atualização era o que o pedagogo alemão denomina de Método.

Se tudo está em harmonia neste mundo e tudo deve ser feito conforme a natureza, também a aprendizagem deve ser realizada conforme a ordem da natureza. (RATKE. Tratado de Administração Escolar, livro III, p. 26). A aprendizagem é natural ao homem. (Id., p. 31). Séculos após, seguindo-lhe os passos, Pestalozzi dirá: há somente um método, aquele que repousa nas regras eternas da natureza. Para Ratke, a

ser comprovado pelo seguinte: a natureza faz conhecer em primeiro lugar as coisas; esta é a sua ordem. Por isso, o Método deve expor as coisas antes dos instrumentos visto que estes são inventados em função daquelas. Para a inteligência esta ordem é cômoda, racional e lhe exige menos fadiga. Os exemplos, para explicar as regras, devem ser tirados das coisas e não dos instrumentos.

A concepção de uma natureza organicamente em harmonia remete o estudo também à filosofia e à ciência.

Até o século XVII, a filosofia e a ciência eram inseparáveis, afirma Heller em seu livro “O Homem do Renascimento” (HELLER, s/d, p. 299). Dessa posição podemos explicar porque cientistas, como Copêrnico (1473-1543), Kepler (1571-1630), e Galileu (1564-1642) não “entravam” nas aulas dos dois pedagogos. Há fortes comprovações, para quem os lê, que eles ensinavam nos seus livros didáticos uma terra fixa, central no mundo; que não se aventuravam ao heliocentrismo. A ciência estava muito dirigida para a formação do homem cristão em conformidade com as leis da natureza e não para transformar a natureza. E isto vai durar até a morte de Galileu.

Para os dois pedagogos a infinitude do mundo exprime simultaneamente o caráter

sem limites da capacidade humana e as imensas potencialidades do homem, mas este não expressa a compreensão científica do mundo. Comênio posiciona-se efetivamente contra

algumas descobertas científicas.

A filosofia da natureza e a ciência natural também não eram diferenciadas da experiência da natureza. A relação emocional entre os homens e a natureza era feita sem a mediação da ciência. O macrocosmo dos filósofos é reproduzido no microcosmo e resulta numa grande harmonia natural. No

Se tudo está em harmonia neste mundo e tudo deve ser feito conforme a natureza, também a aprendizagem deve ser realizada conforme a ordem da natureza.

harmonia é a qualidade essencial da natureza. Até os livros devem ser impressos de um modo uniforme e em partes simétricas, de acordo com a ordem natural. Dessa forma, seu conteúdo será mais facilmente ensinado e apreendido.

Existe, de acordo com a natureza, uma ordem nos instrumentos e nas coisas. Estas precedem àqueles. E isto pode

Quatrocentos já se escrevia nesta perspectiva. Policiano diz: *“A formosura de toda essa ordem provém de sua participação no primeiro inteligível, ou seja, entendida como a natureza da própria razão dos números que, difundindo-se e penetrando em todo o universo, está na própria fonte de uma beleza divina e ordem misteriosa”* (POLICIANO, 1998, p. 7)

Em Kepler, as leis das estrelas eram análogas às leis da música; ambas se fundavam na harmonia dos números, de acordo com os neopitagóricos e Vitorino da Feltre; ou de maneira mais ampla, de acordo com o Quadrivium. Somente a partir de suas obras maduras, a realidade e a natureza deixaram de ter uma estrutura orgânica e foram captadas mecanicamente estruturadas. Isso, no entanto, não significou que tivesse chegado o momento de estudos científicos com vistas à transformação da natureza ou que a mecânica celeste tivesse assento nos bancos escolares das escolas públicas religiosas. A filosofia e a ciência continuavam inseparáveis em Comênio e em Ratke. Ambas explicavam o mundo organicamente estruturado. A observação e a experiência figuravam como bases comuns nos seus métodos, porém, não estavam dirigidas para o sentido da transformação da natureza; eram apenas instrumentos construídos de acordo com a ordem natural.

A natureza e a natureza humana também eram concebidas como harmônicas, observadas não como um resultado da atividade dos homens, mas como um auto-movimento. Como se percebe, à base da harmonia está a legitimação do natural. Uma natureza concorde com a natureza humana não significava uma natureza humana igualitária. Os pedagogos ainda tinham muito presentes a violência das armas na Boêmia e dos anabatistas em Münster, para se

deixarem guiar por idéias revolucionárias de igualdade social.

A arte inseria-se também na compreensão de uma estrutura harmônica. Assim como os artistas imitavam os fenômenos da natureza, também a “arte de ensinar” era um instrumento

O pedagogo devia ser como um bom artista: ser um filósofo da natureza, um cientista natural e um inovador técnico, isto é, ser capaz de reconhecer a ratio naturae.

construído de acordo com a natureza e apresentava resultados práticos mais rápidos do que os da ciência que, à época, com Kepler, Galileu e outros, trabalhava com novas hipóteses. O pedagogo devia ser como um bom artista: ser um filósofo da natureza, um cientista natural e um inovador técnico, isto é, ser capaz de reconhecer a *ratio naturae*. O termo “arte de ensinar” provém da compreensão de que o método tinha que estar de acordo com a natureza a fim de executar uma obra com o auxílio da inteligência e conforme a luz da natureza e a fim de ajudar a ver melhor as coisas naturais e a entendê-las.

Bacon teve um papel importante nesta compreensão. Alves o cita quando afirma que qualquer pessoa humana, normal, seria capaz de traçar uma linha reta ou fazer um círculo perfeito. Com a ajuda de instrumentos - régua e compasso - qualquer pessoa poderia entender o desenvolvimento da ciência. Há que se observar que as leis, formuladas por Bacon, propõem que o objetivo da ciência é simplesmente descobrir as formas das coisas. E forma significa apenas a coisa enquanto observável, uma certa organização interna da matéria, segundo as leis da natureza. Bacon, querendo descobrir as formas das coisas, não se manteve a par do progresso científico de sua época. Lendo o capítulo de ROSSI, pode-se concluir que Bacon rejeitou Copêrnico e ignorou

Kepler; depreciou Gilbert e parecia desconhecer Harvey (ROSSI, 1989, p. 153s).

Em síntese, para a época, “arte” significava estudar as coisas na sua forma interna tal qual a natureza as apresentava. Significava observar a organização interna da matéria segundo a harmonia natural das coisas.

A “Arte de Ensinar”, enquanto uma “arte”, também tem dois aspectos: uma técnica didática escolar e uma techné para construir uma sociedade harmônica.

Alves escreve: “Por isso, enquanto termo definidor das novas condições criadas pelo surgimento e expansão das manufaturas, arte revelava-se anacrônico” (ALVES, p. 58). O anacronismo, conforme ele, manifestava-se num termo proveniente do artesanato mas que tem em vista a organização da manufatura.

À base da explicação sobre a harmonia estruturada do cosmo e a harmonia entre a natureza, a fé, a filosofia, a ciência e a arte, proponho que se preste atenção ao termo “arte”, utilizado pelo pedagogo alemão Ratke e pelo pedagogo morávio Comênio. Cito Aristóteles em meu auxílio para entender melhor o que eles queriam dizer. O que citar quer dizer? Para o pensador grego “arte” não significava apenas a figura dominante de uma técnica (techné) para se efetivar algo, mas é concebida também como a forma de organizar o espaço para a harmonia da sociedade.

Dessa maneira, introduzo uma possível explicação sobre o conceito, conforme o qual Ratke e, também, Comênio, aplicavam à “arte” um duplo significado: o de uma técnica, de um método ou de uma forma para se conseguir uma utilidade prática para a vida, no caso, a educação e, ao mesmo tempo, o de uma técnica ou de uma forma para se conseguir resultados práticos na sociedade, ou seja, a construção harmônica da so-

riedade. Nessa construção, as idéias de cooperação e de elos sucessivos e interdependentes na corrente, propostas pelos pedagogos, tomam significado.

Assim, reconhece-se a presença da idéia de cooperação que se caracteriza por uma estrutura em que todas as matérias se organizam em elos de cor-

rente sucessivos e interdependentes, tal como Alves propõe quando liga “arte” à manufatura. No “Regulamento Escolar de Gotha” encontra-se que as lições prescritas para cada classe

devem ser ministradas corretamente, sem pressa, indo de uma à outra e captando-se bem o antecedente. O Regulamento, em seu artigo 19, continua:

“Da mesma forma é preciso terminar o conteúdo que foi prescrito antes de se proceder ao que pertence à outra classe. Por exemplo, nas classes iniciantes, é preciso realizar a aprendizagem de sentenças e de salmos junto à silabação que deve preceder à exposição do catecismo e, ainda, na classe intermediária, deve ser estudado o Conceito Conciso antes de aprender o catecismo em seu todo na lousa de escrever e com pequenas perguntas” (Regulamento Escolar de Gotha, art. 19).

A harmonia natural aconselha passar-se às outras lições somente quando todas as anteriores forem assimiladas. Não há saltos na natureza.

A “Arte de Ensinar”, enquanto uma “arte”, também têm dois aspectos: uma técnica didática escolar e uma techné para construir uma sociedade harmônica.

A pedagogia ratiqüiana do “Método” ou da “Arte de Ensinar” prioriza a forma tanto num quanto noutro aspecto. A relevância dada ao método do ensino indica o caráter inovador tanto de Ratke (1617) quanto de Comênio (1635). A primeira preocupação deles foi a de revolucionar a “arte de ensinar”, a for-

ma ou o “Método”. Por que não revolucionou o conteúdo?

O Método é Racional e o Conteúdo Pertence ao Irracionalismo Religioso

O conteúdo de ensino era, para ambos os pedagogos, extremamente conservador visto que o religioso era predominante, não havendo necessidade de ser renovado. O que necessitava de atualização era o que o pedagogo alemão denomina de Método.

O livro “De Revolutionibus” de Copêrnico não faz parte dos conteúdos propostos pelos manuais didáticos de Ratke e de seus colaboradores. Copêrnico, Galileu, o telescópio, a concepção de natureza como uma estrutura orgânica, não entram nas escolas dos dois grandes mestres fiéis às suas crenças.

Não fazem parte do Método a concepção de uma natureza mecanicamente em concordância e a concepção científico-natural, isto é, a ciência aplicada à natureza a fim de transformá-la. Dessa maneira, sua consciência social reflete as leis gerais de um universo harmônico. A resposta a essas questões pode ser formulada na seguinte hipótese: o racionalismo do método revela a arte da prática do trabalho manufatureiro, uma prática objetivada, racionalizada e universalizada, mas a consciência social enraíza-se na harmonia universal e no irracionalismo social de cunho religioso, base da sociedade harmônica.

Por que o irracionalismo? As seitas e as igrejas reformadas sempre se baseavam na intuição e apareciam com seu fundamento místico. A interpretação da Bíblia foi, no entanto, racional e crítica a ponto de firmar-se em decisões concretas e objetivas no critério de verdade das questões, como transubstanciação, batismo

de crianças, milagres, hierarquia sacerdotal, indulgências, imagens, soberania papal, etc.

Eliminava-se radicalmente tudo o que não resistia ao claro entendimento e ao sentido da realidade. Zwinglio, com a oposição de Lutero, levou a explicação religiosa à completa racionalização. No entanto, o profano deveria submeter-se à fé; a vontade livre do indivíduo, à vontade divina.

A opacidade das relações sociais articulava o pensamento com uma compreensão irracionalista da sociedade. A despeito do caráter não cognoscível dos nexos objetivos, estes eram experimentados como algo que se encontra em harmonia com a liberdade individual. Imputava-se ao plano divino tal harmonia.

A construção de uma sociedade organicamente harmônica exigia que a “educação para todos” fosse direcionada para fins úteis e práticos. Este foi o objetivo do príncipe Ernest I e de Andreas Reyher ao elaborar o Regulamento Escolar de Gotha. O Método de Ratke e a Arte de Ensinar de Comênio forneceram os fundamentos para este Regulamento (1642), ressaltando-se que RIOUX considera o Regulamento “inteiramente e profundamente ratiquiana”. (RIOUX, p. 272)

No primeiro ponto, o Regulamento prescreve o ensino das horas e revela a utilidade do ensino para a vida: o pro-

Não fazem parte do Método a concepção de uma natureza mecanicamente em concordância e a concepção científico-natural, isto é, a ciência aplicada à natureza a fim de transformá-la.

fessor mostra a duração de uma hora na ampulheta ou no relógio de sol. Há uma nova concepção de tempo, o do relógio, na prática do trabalho manufatureiro, uma concepção diferente da do artesão e das cerimônias religiosas da igreja.

A seguir dá outras orientações para outros conteúdos que revelam especificamente o lado prático da educação escolar na vida do aluno:

“Os doze zodíacos e a mudança da lua devem ser ensinados no calendário; as figuras que significam as quatro fases da lua, devem ser aprendidas e, posteriormente, o professor deverá demonstrar a que mês pertence cada signo e quando se diz: o sol anda em Leão ou em Virgem, demonstrar a que mês pertence o signo; o mesmo se deverá fazer para o mês do feno ou para o mês de agosto” (art. 2).

O artigos seguintes estão a indicar a compreensão do tema através da experiência comparativa:

“Em relação ao relâmpago e o trovão, há que se entender porque o raio aparece antes do trovão ser ouvido, apesar de os dois ocorrerem ao mesmo tempo. Isso pode ser experimentado com um tiro de espingarda disparado de longe: não obstante o fogo e o tiro ocorrerem ao mesmo tempo, o fogo é visto logo e o tiro é ouvido depois” (art. 5).

A ordem natural das coisas práticas está indicada nas recomendações seguintes:

“Os quadrantes do mundo devem ser ensinados a partir da igreja, pois o altar sempre está posicionado no amanhecer e quem olhar para o altar está olhando para o oriente e tem atrás de

As “lições das coisas” são a tônica principal do Regulamento, como se percebe nos três exemplos seguintes:

“Para que se possa ensinar melhor as hortaliças, os arbustos e as árvores, deve-se buscar as plantas nas hortas e nos arredores, além de apresentar folhas secas, cosidas ou coladas no papel a fim de servir de demonstração” (art. 8)

“Ao se ensinar as partes do corpo humano, os preceptores devem aproveitar a ocasião quando se mata um porco ou um outro animal por perto; levar ali as crianças e ensinar-lhes as partes componentes do corpo” (art. 14).

Nas aulas de aritmética, há que se apresentar a ordem natural do território, dividido socialmente:

“Os professores não devem apenas ditar à juventude a medida, como, por exemplo, a polegada; devem fazer com que os alunos a desenhem na lousa de escrever. Devem fazer a demonstração com a régua como medir precisamente uma vara (N. T.: 1,10m), informando ainda que a figura do livro foi retirada da Ordem Florestal dos Príncipes, pois, foi a partir dessa Ordem que o território foi medido, dividido e vendido. (...) O professor faz perguntas: quantas polegadas tem um palmo? Quantas polegadas mede o sapato? O professor também deve ensinar e mostrar as diferentes medidas existentes” (art. 1 do III)

Cabe bem a frase do poeta argentino Jose Larraalde a perguntar após cada tema introduzido nos seus versos criollos: “Hé, pa’ qué sirve?” (“Herencia pa’ un Hijo Gaucho”). 350

anos antes, Ratke fazia a mesma pergunta: “Para que serve?” (“Was nützt es?”) Ali estava uma questão que os tempos não conseguiram resolver. A propaganda da reforma do Ensino Médio, em 1999, quer resolvê-la de vez: o ensino serve para a vida!

A utilidade prática que têm as coisas, a forma interna que elas possuem e a experiência para verificar como elas funcionam, perfazem a problemática a ser analisada por Ratke.

si o ocidente, à mão direita o sul e à esquerda o norte” (art. 6).

“O salgueiro não serve apenas como lenha para queimar, mas também serve para naturalmente proteger as margens dos rios em forma de diques” (art. 11).

A utilidade prática que têm as coisas, a forma interna que elas possuem e a experiência para verificar como elas funcionam, perfazem a problemática a ser analisada por Ratke. A tarefa escolar resume-se nisso e nunca na de dar uma explicação científica das coisas.

Acentuamos acima que, à época, o movimento burguês assumia nova concepção sobre o direito natural, orientada para o sentido “científico-natural”. Observa-se isso nos escritos de Grotius e nos de Bodin. Ratke conhecia esses escritos. Comênio também. Observamos acima que nem um nem outro orientavam sua Didática pelo direito natural emancipado, como queria Grotius. A harmonização entre a fé e a natureza implicava também a harmonia entre a fé e a ciência, sendo esta última considerada como entendimento e explicação das coisas naturais.

Propunha-se uma instrução escolar voltada para o ensino prático e útil das coisas; de preferência, objetos naturais. Por que Ratke não apresentou um ensino prático e útil, tendo por referência o desenvolvimento das forças produtivas, como a utilidade da mineração, da metalurgia, das bombas hidráulicas, etc.?

Ratke apresenta uma lista grande das profissões de sua época. O que dizer dessa lista? A simples enumeração nada diz sobre as relações de produção, pois, Marx nos ensina: *“Não é o que se faz, mas como, com que meios de trabalho se faz, é o que distingue as épocas econômicas”* (MARX, I, p. 151). O que se quer inserir aqui é a posição burguesa de Ratke. Ele se alinha no pensamento da burguesia e não na do feudalismo. Isso ele deixa claro em vários pontos de sua obra.

As manufaturas se desenvolviam nos principados alemães. A indústria mineira, a metalúrgica e a de panos se sobressaíam. Lã, roupa branca, algo-

ção, linho, fustão e seda eram mercadorias produzidas e comercializadas. A indústria européia de terciopelos, passamanes e brocados localizava-se também no Sul da Alemanha. O segundo ramo mais importante foi a meta-

Propunha-se uma instrução escolar voltada para o ensino prático e útil das coisas; de preferência, objetos naturais.

lurgia em combinação com a mineração, na Saxônia e no Tirol. A construção de poços, galerias, drenagens, bombas hidráulicas para a elevação das águas, altos fornos para produzir o carvão vegetal, a produção de vidro e as artes gráficas estavam ali bem desenvolvidos. A obtenção e a transformação do ferro ocupava, nesta época, mais de mil trabalhadores só na Alemanha. Entretanto, nenhuma dessas profissões é mencionada na lista elaborada por Ratke, uma lista que dá sustento ao ensino das coisas naturais.

Nos textos de Ratke não se encontra referência a: microscópio composto, telescopia, instrumentos náuticos (astrolábio e sextante), invenção astronômica de Brahe, hidro-mecânica, ótica na base de Kepler, magnetismo, botânica, biologia, anatomia de Vesalio, arte da navegação, engenharia técnica, tecelagem, metalurgia, mineração, abastecimento de água etc. O leitor pode-me contestar dizendo que são matérias que não cabem na instrução primária. É verdade. Mas, não há sequer referência prática a essas matérias. Talvez por isso é que Bodin exigia um ensino profissional.

Não se tem notícia de nenhuma ciência, que desenvolvia o conhecimento ou o domínio da natureza, estivesse nos conteúdos do pedagogo. Bacon, o pensador da utilidade prática da ciência, teve influência em Ratke. Propôs o experimentalismo, a investigação co-

operativa da natureza e a observação no intuito de descobrir novas formas para se entender a natureza. O Método de Ratke propôs a observação e o experimentalismo e o exame das coisas. Observação e experimentalismo em Ratke e também em Comênio, são, no

Observação e experimentalismo em Ratke e também em Comênio, são, no entanto, diferentes de comprovação científica; têm a ver com a eficiência e a utilidade.

entanto, diferentes de comprovação científica; têm a ver com a eficiência e a utilidade.

Laski escreve que o século XVII começou a ver tudo de um novo modo, provocativo e criador (LASKI, p. 58). À emergência do secularismo, Ratke opõe a emergência do príncipe cristão num Estado religioso; a um novo modo de ver a sociedade e a ciência, opõe uma nova forma de ensinar, com postulados inteiramente novos. Não se deixa levar pelos novos resultados da ciência; importa-se, sim, com o novo espírito administrativo, com a racionalização do princípio administrativo na escolarização das crianças e dos jovens em favor da religião reformada.

De um lado, a crescente racionalização do trabalho do artesão e sua tendência a dominar racionalmente a matéria e a natureza - dos círculos artesanais ligados à religião calvinista ascendeu um estrato a partir do qual se foi configurando a burguesia manufatureira -, e, de outro, o sucesso do trabalho manufatureiro na produção da vida material, orientam a consciência social para a totalidade das relações sociais. O ser social articulado com o pensamento de Ratke resulta em postulados pedagógicos orientados para a produção de instrumentos para fins não materiais na “Arte de Ensinar” ou no “Método”.

Conclusão

A grande acentuação que Ratke - também Comênio, a meu parecer - deu à forma de ensinar, à Didática, à Arte de Ensinar, ao Método, habilitou as suas propostas a terem a universalidade de que gozaram. À semelhança das técnicas descobertas na produção manufatureira, as descobertas de Ratke e de Comênio na utilização da produção não-material ou no ensino, mantêm uma universalidade através dos tempos.

A pergunta: por que Ratke e Comênio não tiveram maiores sucessos em sua época?

As respostas são muitas e variadas. Anotemos algumas. As guerras religiosas acabaram por deslocar a produção e o comércio do interior da Europa - dos rios e do Mediterrâneo - para os portos dos mares ao norte, deixando os principados sem recursos para manter as escolas. As guerras, também, diminuíram a população pela metade, na Alemanha.

O século XVII caminhava para o que se denominou de Absolutismo e, conseqüentemente, para o que os autores denominam de “refeudalização” de uma grande parte da Europa. Os historiadores falam da “Idade Barroca” que sucede à Reforma e antecede ao Iluminismo. Nesta época a “União Hanseática” - confederação política e comercial de cidades prósperas - se enfraquecia e os príncipes fortificavam-se em detrimento das cidades e dos pequenos senhores. A administração central dos soberanos penetrava em todas as camadas burguesas e eliminava as gestões autônomas. Cabia ao Estado melhorar a economia e a sociedade; cabia, também, a ele a tarefa da educação popular. Ao pensamento individualista sucediam os grandes sistemas filosóficos; à escola dos sábios, a escola popular. Ratichius se inscrevia no primeiro período da “Idade

Barroca”: concentrava nas mãos do príncipe, responsável perante Deus, pela gestão global e uniforme do país. A educação concedia a cada indivíduo, conforme seu mérito, os conhecimentos gerais e as técnicas indispensáveis para uma vida coletiva solidamente estruturada e hierarquizada, tendo-se em vista o bem-estar terreno e a felicidade eterna. Uma língua única purificada contribui para a coesão da sociedade harmônica (V. RIOUX, 1963, p. 271s.).

Essas explicações são importantes mas não se esgotam nesse contexto. É preciso observar que as técnicas manufatureiras não se modificam muito com as máquinas que surgiram com o desenvolvimento posterior do capitalismo. A maquinaria insere na produção técnicas mais aceleradas e um conteúdo novo: a aplicação científica na transformação da natureza. Percebe-se que os novos conteúdos inseridos pela maquinaria podiam ser ministrados com a utilização das mesmas técnicas utilizadas na manufatura, ou seja, a produção em série, a decomposição das tarefas em parcelas etc.

A consciência social, impregnada pelas idéias luteranas e hussitas, gerava movimentos favoráveis para a “educação para todos” e gerava métodos que viabilizassem a universalização dos conteúdos religiosos. Dessa forma, os conteúdos religioso-naturais prevaleciam sobre os científico-naturais. Isso, à época das propostas pedagógicas. A aceitação delas em séculos posteriores tem a seguinte explicação.

A consciência social forma-se a partir das condições materiais e estas também se modificam a partir daquela. A produção em bases manufatureiras - e, depois, com as máquinas - implicava em leis de produção, leis gerais, válidas universalmente, leis objetivas e racionais. A universalidade da produção fazia originar também uma consciência

social que considerava suas leis acima das pessoas, leis supra-humanas a que os homens tinham que se submeter.

A presença da manufatura que inaugurou um método de trabalho objetivo, racionalizado e universal na criação de instrumentos de trabalho, influenciou Ratke e Comênio a aplicar as técnicas da produção material ao método de ensino, uma produção não-material. A objetivação do trabalho na produção da vida material e a coisificação das relações humanas, no entanto não estavam na consciência social à época de Ratke e de Comênio.

Especificamente tem-se em Ratke e em Comênio um método de ensino racionalizado, universal e objetivo; junto à criação de instrumentos de trabalho didático para a escola - os livros escolares -, a arte de ensinar baseou-se mais no método do que no conteúdo das disciplinas. Copêrnico, Galileu, o telescópio, a concepção de natureza como uma estrutura mecânica não entram nas escolas dos dois pedagogos, fiéis às suas crenças. Suas idéias sobre a administração escolar encontram-se firmados na arte de ensinar, no método de ensino e efetivam-se com a utilização de manuais, instrumentos didáticos racionais, uniformes, objetivos e universais; fundam-se no racionalismo individual a conviver com o irracionalismo da situação social. Para que se efetivasse uma

A arte de ensinar baseou-se mais no método do que no conteúdo das disciplinas.

educação para todos, no caso de Ratke, o Estado era a garantia: com a ajuda da igreja reformada, devia organizar e controlar toda a educação escolar. O método, baseado nas técnicas da manufatura, dá o alcance de universalidade, de eficiência e do que Alves denomina de “barateamento do ensino”.

A “arte de ensinar” garantia uma “technè” eficiente na “educação para todos” e uma arte capaz de efetivar a sociedade harmônica. Ratke lutava pela unificação da Alemanha, por uma lín-

gua única, por uma nação burguesa e luterana. Essa luta de Ratke traduz-se por escritos que propõem um pensamento único, um tema fecundo a ser estudado no pedagogo alemão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Luiz Alves. *A Produção da Escola Pública*. São Paulo: UNICAMP, 1998.
- COMÊNIO, João Amós. *Didáctica Magna: tratado da arte universal de ensinar tudo a todos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- HELLER, A. *O Homem do Renascimento*. Lisboa, Ed. Presença, s/d
- HOFMANN, F. *Das Schulbuchwerk Wolfgang Ratkes zur Allunterweisung*. Ratingen:Aloys Henn Verlag, 1974.
- KOFLER, L. *Zur Geschichte der bürgerlichen Gesellschaft*. Hamburg. Verlag GMBH, 1966
- MARX, Karl. *O Capital*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Economistas).
- RATKE, W. *Allunterweisung*. Ratingen:Aloys Henn Verlag, 1974
- RATKE, W. *Die SittenLehr der Christlichen Schule*. Oberhausen:Context-Verlag, 1994.
- RATKE, W. *Etliche Punkten, auf Welchen die Didactica oder Lehrkunst beruhet*. Halle: Hohendorf, 1842.
- RIOUX, G. *L'Oeuvre Pédagogique de Wolfgangus Ratichius*. Paris:J. Vrin, 1963.
- ROSSI, P. *A Ciência e a Filosofia dos modernos*. São Paulo: UNESP, 1989